

O GENOCÍDIO DE RUANDA¹

PAULO HENRQUE DE QUEIROZ²

Quando falamos em genocídio, logo pensamos em assassinato em massa. O dicionário Aurélio define genocídio como *“tentativa de, ou destruição, total ou parcial, de grupo nacional, étnico, racial ou religioso; crime contra a humanidade”*.

Foi isso o que ocorreu em Ruanda (país do continente Africano, situado entre Uganda, Tanzânia, Burundi e República Democrática do Congo), no ano de 1994, um genocídio, onde assassinaram aproximadamente um milhão de pessoas.

Para entendermos um pouco melhor a história deste país, falaremos rapidamente de suas etnias, a saber, tutsis e hutus. Ruanda foi, durante alguns anos, administrada pela Bélgica (colônia da Bélgica) e esta manteve uma linha de domínio duro sobre o povo, manipulando a classe alta (tutsi) para reprimir o restante da população (maioria de hutus). Por meio desta colonização, tutsis e hutus tiveram sua organização modificada, onde os tutsis foram escolhidos para cargos de administração estatal, treinamento militar e educação, ao contrário dos hutus, que eram hostilizados. Em 1959 os hutus se rebelam e aprisionam militares tutsis (que tiveram seus pés cortados a golpes de facão, diminuindo a diferença da estatura e, simbolicamente, as diferenças sociais). Em 1962, quando o país conquistou sua independência, os belgas deixaram os tutsis à mercê dos hutus (nesta época, já eram maioria política). Em 1994, o presidente Juvenal Habyarimana (de etnia hutu) foi assassinado em um atentado, acendendo desta forma, o estopim para as atrocidades de Ruanda, gerando a morte de aproximadamente um milhão de pessoas (tutsis e hutus moderados).

O que mais me entristece é saber que o mundo se calou diante de tamanha crueldade, nos curvamos aos golpes de facão, fechamos nossos olhos para não vermos o sangue que banhava a terra. Sinceramente, não me lembro da mídia ter noticiado tal fato naquele ano, mas lembro de terem noticiado com muita ênfase a morte de Ayrton Senna e, até hoje, discutirem as causas do acidente. Não quero

¹ Texto apresentado na Faculdade Eça de Queirós como requisito para aprovação na disciplina Sociologia Aplicação à Administração.

² Graduando em Administração de Empresas.

dizer que este fato não seja importante, não mereça atenção, pelo contrário, a morte sempre merece nossa atenção. Mas o que dizer de um milhão de pessoas que estavam sendo brutalmente assassinadas em Ruanda neste mesmo ano?

Quando assisti ao filme *Hotel Ruanda*, não fazia muita idéia do que iria se passar, mas já imaginava, pela sinopse, que seria um filme triste. Porém, ao presenciar tamanhas atrocidades contra o ser humano, não pude conter as lágrimas, não apenas pela comoção, mas também pela incapacidade de não poder fazer nada. Este filme não retrata a colonização, ou seja, não mostra a interferência causada na cultura africana com a intenção da evolução em direção ao progresso alcançado pela Europa (um tanto quanto questionável, pois também sofriam movimentos de reivindicações). Essa busca pelo “progresso à moda européia” ou eurocentrismo, era justificada pelo darwinismo social (processo evolutivo – de inferior para superior), pois refletia o otimismo com que o progresso material da industrialização era percebido pelos europeus.

Na primeira metade do século XIX surge o positivismo, através de Augusto Comte (França, 1798 – 1857), com uma idéia diferente do darwinismo social, pois para ele, o progresso deveria aperfeiçoar os elementos da ordem e não ameaçá-los. A intervenção se justificaria na sociedade sempre que fosse necessário assegurar a ordem ou promover o progresso. O positivismo procurava resolver os conflitos sociais por meio da exaltação à coesão, à harmonia natural entre os indivíduos, ao bem-estar do todo social.

Voltando ao filme, podemos traçar uma relação do positivismo, pois no momento em que Paul Rusesabagina (gerente do hotel) transforma o estabelecimento em campo de refugiados, já nos deparamos com o positivismo (estava tentando resolver conflitos sociais buscando o bem-estar social). Também podemos colocar como positivismo a intervenção das tropas da ONU (ainda que tardia), recolhendo os refugiados e lhes dando asilo. Pelo que entendi de positivismo, toda intervenção na sociedade, com o intuito de assegurar a ordem ou promover o progresso é uma corrente positiva, um tipo de positivismo. O lema do positivismo é a ordem, progresso e amor (fraternal).

Paul Rusesabagina foi um homem de muita coragem e, embora tivesse motivos para ter ajudado os tutsis (sua esposa era uma tutsi), não poupou esforços para salvar quem quer que fosse (tutsi, hutus, turistas, crianças, velhos, etc.).

Depois de tanto pensar, ficam as seguintes perguntas:

- Quando nós, que somos “bicho gente” vamos aprender a ser gente?
- Quando, de fato, o ser humano vai passar a respeitar o seu próximo como ser humano?
- Quando nos livraremos das amarras do comodismo e passaremos a agir como irmãos, buscando verdadeiramente a ordem e, a partir daí, atingir o progresso?

Essas são questões difíceis de serem respondidas, pois nem a Sociologia tem respostas para tudo. Porém, vale a pena a meditação e, em algum momento, acharemos as devidas respostas, dentro de cada um de nós.

Quero encerrar com a frase de um filósofo que muito aprecio, deixando com vocês Arthur Schopenhauer:

Somos como cordeiros brincando no campo, enquanto o açougueiro nos olha e escolhe um, depois outro, pois quando jovens não sabemos que desgraça nos reserva o destino. Doença, perseguição, empobrecimento, mutilação, perda da visão, loucura e morte (YALOM, Irvin D. **A cura de schopenhauer**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006)